O Brasil na Cartografia Pré-Lusitana

Paulo Márcio Leal de Menezes
IGEO - Departamento de Geografia - Laboratório de Cartografia - UFRJ
pmenezes@acd.ufrj.br

RESUMO
O nome Brasil é conhecido praticamente desde o século XII, citado nos mais diversos documentos legais, pautas aduaneiras e listas de comércio, principalmente na Itália e França antigas. Como um topônimo, o nome Brasil está presente em referências cartográficas pelo menos desde 1325, em um mapa devido ao cartógrafo genovês Angellinus Dalorto, vindo a se repetir a sua representação extensamente até o século XV, sem estar relacionado com as novas descobertas ocorridas sobre o novo Continente, principalmente em documentos elaborados por cosmógrafos de origem italiana e catalã. As pesquisas mostram e uma extensa bibliografia cita a existência de referências cartográficas do topônimo, principalmente como uma ilha com nomes segundo uma variedade de grafias, entre eles: *Brazil*, *Berzil*, *Bracie*, *Brasil*, *Bracir*, *Brasill*, *Brezill*, *Brazail*. São representadas também, referências às ilhas Místicas do Mar Tenebroso. A ligação entre algumas destas ilhas e o topônimo Brasil é estreita e elas possuem representações até bem diversas, tal como o Mapa de Hereford, do século XII, ao de Vinland, do século XV, incluindo-se aí as representações que influenciaram a cartografia portuguesa subseqüente. A influência itálica tem início com Andrea Bianco, o qual é tornado membro da Escola de Sagres e elabora representações importantes ao estudo desenvolvido para os descobrimentos. Dos mapas construídos entre 1436 e 1448, são representadas importantes referências e afirmações, que inclusive mostram o conhecimento pretenso das terras brasileiras em uma época anterior ao seu descobrimento. Este trabalho tem por objetivo mostrar a cartografia pré lusitana, com suas referências ao Brasil e os locais onde podem ser acessadas para estudo. Serão mostrados os principais fatores que vieram a influenciar a cartografia portuguesa, imediatamente após o descobrimento. Por outro lado pretende-se divulgar e informar sobre esta área da pesquisa histórico-cartográfica, como uma motivação para uma nova geração de pesquisadores.

PALAVRAS CHAVE: cartografia histórica pré lusitana; nome Brasil; ilhas misticas

I - INTRODUÇÃO

A história do uso do nome o Brasil como um nome geográfico possui teorias diversas sobre suas origens. Geograficamente, quando surge em mapas, a partir do século XIV apresenta algumas peculiaridades, não tendo sido colocado sobre um único e mesmo território, como a grande maioria dos demais nomes geográficos. Por outro lado, não foi dado por ser um caso de crescimento do conhecimento natural de uma área. Assim foi aplicado á diferentes territórios, os quais apresentavam uma maior ou menor extensão.

A cartografia anterior ao descobrimento é rica em representar uma certa *Ilha Brasil*, com algumas variações de nomes e em lugares diversos, ao longo do Oceano Atlântico desde 1325, com o mapa de Angellino Dallorto, um cartógrafo genovês. Diversos outros mapas vêm a representar a mesma ilha, porém muitas vezes misturando sua representação com as chamadas ilhas místicas, onde entre elas, está uma ilha também chamada Brasil. Das ilhas místicas, provêm histórias assombrosas, de aventuras, deuses e castigos. Algumas estão intimamente ligadas ao Brasil, mesmo tendo surgido algumas centenas de anos antes de seu descobrimento.

Sobre o nome Brasil, no entanto, as diversas teorias mostram, inclusive, que suas referências em documentos comerciais e legais, são muito mais antigas do que nas representações cartográficas e praticamente ligam o nome à madeira e a tintura dela extraída, mercadoria conhecida desde praticamente o século XII. Serão apresentadas as teorias mais correntes sobre o nome Brasil.

II - AS ILHAS MÍSTICAS

O conhecimento do Mundo antes dos descobrimentos de Cristovão Colombo e Pedro Álvares Cabral apresentava um grande vazio entre a Europa e a Líbia, em uma direção e Cipango e Cataio, (Japão e China), entre o Extremo Oriente e o Ocidente. Evidentemente que o imaginário sobre o desconhecido apresentava-se muito fértil entre geógrafos, cartógrafos, cosmógrafos, navegadores e todos aqueles que se aventurassem no mar Atlântico desconhecido, criando-se lendas, estórias, crenças e tradições, que povoavam de alguma forma este vazio.

A última terra conhecida a oeste era a Bretanha, incluindo-se a Irlanda. Para além o desconhecido *Mare Tenebrosum* dos romanos e *Oceano Defeso* dos gregos. As Ilhas do Mar Tenebroso eram imaginadas, marcadas e mapeadas, além da Bretanha e tinham em sua rota, demônios, tempestades, bem como castigos dos deuses eram impingidos aos navegadores que se atrevessem a tentar alcançá-las.

Os mapas representam o espaço conhecido e eles, nessa época mostravam claramente, que este mundo conhecido partiu de um núcleo central, tido pelo mar Mediterrâneo, estendendo-se para toda a Europa, Oriente Médio, Ásia e Norte da África. Os mapas de Eratóstenes (180AC), Ptolomeu (180DC), al-Idrisi (1150DC) mostram perfeitamente este pressuposto, conforme pode ser visto nas figuras 01, 02 e 03.

Figura 01 – Mapa de Eratóstenes

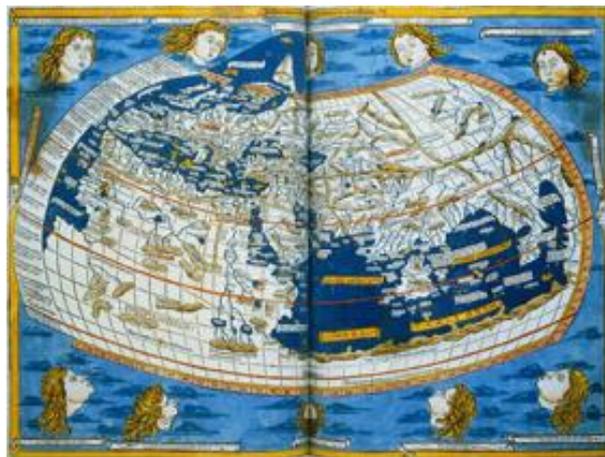



Figura 02 – Mapa de Ptolomeu

Figura 03 – Mapa de al-Idrisi – orientado pelo Sul

Refutavam-se nesta época alguns conceitos, tais como a esfericidade terrestre, a existência de antípodas, porém admitia-se a existência de uma Atlântida, segundo Platão, e marcado o lugar de seu afundamento, pelo Mar de Sargaços, destruída pelo fogo e pelas águas em castigo imposto pelos deuses. Segundo Teopompo de Chios, contemporâneo de Alexandre, o Grande, no Poente localizava-se a região de *Meropes*, ou *Merópida*, cujas fontes forneciam a juventude, para quem bebesse de suas águas. Para além dessa região encontrava-se o *Anostos* ou o abismo, na expressão do Anônimo de Ravena, o "ermo só conhecido por Deus e o fim do espaço do mundo" (SCHNETZ, 1940).

A antiguidade revela-se crente na existência destas regiões e os relatos de Aristóteles em *De Mirabilibus Auscultationibus* e de Scylax de Karyanda, em *Periplo*, descrevem a saga dos cartagineses de Cadiz, na busca de *Meropes*, terminando por encontrar o Mar de Sargaços, por onde não conseguiam navegar devido à vegetação marinha. O medo pelo *Anostos*, os fazem retornar a Cadiz.

Plutarco por sua vez cita a existência de uma "terra ocidental". As ilhas *Oestrumidas* ou *Estriminas* são citadas por Strabus em sua *Geographia*, após terem sido descobertas pelos cartagineses em outra viagem, após conseguirem realizar a travessia do Mar de Sargaços.

Inúmeras referências às terras ocidentais podem ainda ser encontradas em obras de Seneca, de Píteas o marselhês, onde uma grande parte é descrita na forma de ilhas misteriosas. Cada uma dessas ilhas apresenta-se sempre cercadas de crenças e lendas, estabelecendo-se um imaginário fantástico sobre o desconhecido Mar Tenebroso, local onde eram elas descritas. Devido a sua existência dentro desse imaginário, a identificação das ilhas é uma tarefa difícil, pois a grande maioria não teve na realidade, uma existência real e comprovada. Cortesão (1971, pp 56-59) apresenta uma relação de mapas, com diversas ilhas identificadas nas costas da África, entre 1325 e 1400.

A existência de algumas dessas ilhas foram confirmadas, servindo como um patamar para a ampliação do conhecimento do espaço geográfico da época. Outras, no entanto, nunca foram encontradas ou alcançadas. Algumas, segundo as lendas, se escondiam dos navegantes, mas estavam todas descritas, quer em documentos, quer em mapas.

A cartografia medieval e renascentista procurava perpetuar as crenças, lendas e possíveis tradições da Atlântida, cuja história era passada pelos egípcios falando sobre seu passado, a qual foi também imortalizada por Platão.

Al-Idrisi pressupunha a existência de vinte e sete mil ilhas, espalhadas pelo Mundo conhecido (BARROSO, 1941), porém, as mais importantes, as que eram mais envolvidas por lendas e histórias fantásticas e assim, perseguidas para serem conhecidas, eram cerca de trinta: *Antilia*, *Stocafixa*, *Man Satanaxio*, *Salomão*, *Mariéga*, *Drogeo*, *Não Encontradas*, *São Brandão*, *Do Oro*, *Cabreira*, *da Ventura*,

Górgodas, *Eternas*, *Sanzorzo*, *do Corvo Marinho*, *Yma*, *do Homem e da Mulher*, *Fortunadas*, *das Sete Cidades*, *Essores*, *Montrorio*, *dos Pombos*, *Verde*, *Tibias*, *Tausens*, *Mayda*, *Cerne* e *do Brasil*.

Aqui serão citadas apenas aquelas que se relacionam com o nome Brasil, procurando se estabelecer a sua relação, com uma breve descrição. A Ilha de *São Brandão* e evidentemente a Ilha *Brasil*, serão os maiores destaques.

A *Antilia* é representada com uma configuração típica, quase retangular, que a diferencia de praticamente todas as demais. Suas representações no Mapa da Biblioteca de Weimar, de 1424, Pizigano de 1424, de Andrea Bianco, de 1436 e no globo de Martin Behain, de 1492, vem a perpetuar e confirmar a tradição de Atlântida.

A origem do nome provém de uma deformação do vocábulo Atl/An/Tis, segundo Rudolf Cronau, em sua obra Amerika. Por outro lado uma outra vertente, apresenta sua origem como simplesmente sendo uma ilha anterior – anteilha, o que é em parte confirmado, como o anúncio das Antilhas, encontradas por Colombo, antes de atingir o continente americano. Esta visão decorre de um conceito dos antigos geógrafos, de que a proximidade de um continente era prenunciada por uma cortina de ilhas ou por uma grande ilha isolada.

A existência de *Antilia*, que muitas vezes é citada como sendo também a *ilha das Sete Cidades*, é espalhada na Europa no século XIV, devida aos portugueses. Há uma versão de que foi o piloto Alonso Sanchez de Ullôa, após uma tempestade, dando em costas desconhecidas do oeste, e passado esta informação a Cristovão Colombo (BARROSO, 1941).

As ilhas *Não Econtradas* ou *Nunca Encontradas* apresentavam uma característica de fugir quando da aproximação dos navegadores, que as percebiam apenas em vultos anuviados ao horizonte. O nome advém das Ilhas Errantes da antiguidade clássica, as quais eram visíveis através de miragens. A mitologia grega apresenta tais ilhas, pela saga de Jasão e sua navegação pelas ilhas Errantes.

A ilha de *São Brandão* é enumerada também como uma das Não Encontradas, uma vez que era sempre citada e procurada pelos navegadores, porém jamais foi encontrada.

A história de São Brandão inicia-se em torno de 565 DC, com suas viagens de peregrinação e evangelização, uma lenda celta do século IX. Cita a lenda, a existência de ilhas paradisíacas, infernais e promissoras, as quais vão sendo descobertas e servindo-lhe de morada durante sete longos anos. Identificam-se muito das ilhas descobertas, com as Ilhas Canárias, Madeira e Cabo Verde. Porém a de São Brandão nunca foi identificada.

A lenda de São Brandão chega a Portugal no século XIV, pela referência da descoberta de uma nova terra denominada de *Ilha do Brasil de Brandam*, através de provas concretas da Expedição do Capitão da Real Armada Portuguesa Sancho Brandão.

Esta expressão *Brasil de Brandam* vem a caracterizar uma possível origem celta. Na língua celta, a *Terra Repromissionis Sanctorum*, descrita nas versões em latim da lenda textual *Peregrina tio Sancti Brandani*, é denominada por *Ho Brasile* ou *Hy Brassail*, que significa terra feliz, terra da felicidade ou terra da promissão, descoberta por *Brennam* ou *Brandão*. Dessa forma é mostrada uma ligação existente, podendo ser vista de uma forma pretensiosa ou mesmo fantasiosa, mas ficaria para todos os efeitos, como o *Brasil de Brandão*.

A Ilha de São Brandão talvez tenha sido a mais representada na cartografia antiga. O mapa de Hereford, elaborado por Richard of Haldingham no século XIII, entre os anos de 1275 e 1280, apresenta pela primeira vez o nome de *Sant Brandan*. Com variações no nome, de *Sand Brendan*, *San Brandan*, *Saint Brandon*, até o termo completamente corrompido de *Zamborondom*, e também variações em relação ao lugar de representação, tornará a ser encontrada nos mapas de Angelino Dulcert - 1339, Pizigani - 1367, Beccario – 1426 e 1435, André Bianco – 1436 e 1448, Pareto de 1455, Benincasa – 1482, Globo de Martin Behaim – 1492. Algumas das representações associavam a ilha a alguma outra já conhecida, tais como as Ilhas Canárias, Açores ou mesmo Cabo Verde. A Figura 04 apresenta o mapa de Hereford e o destaque da ilha *Fortunate di Sant Brandanis*.

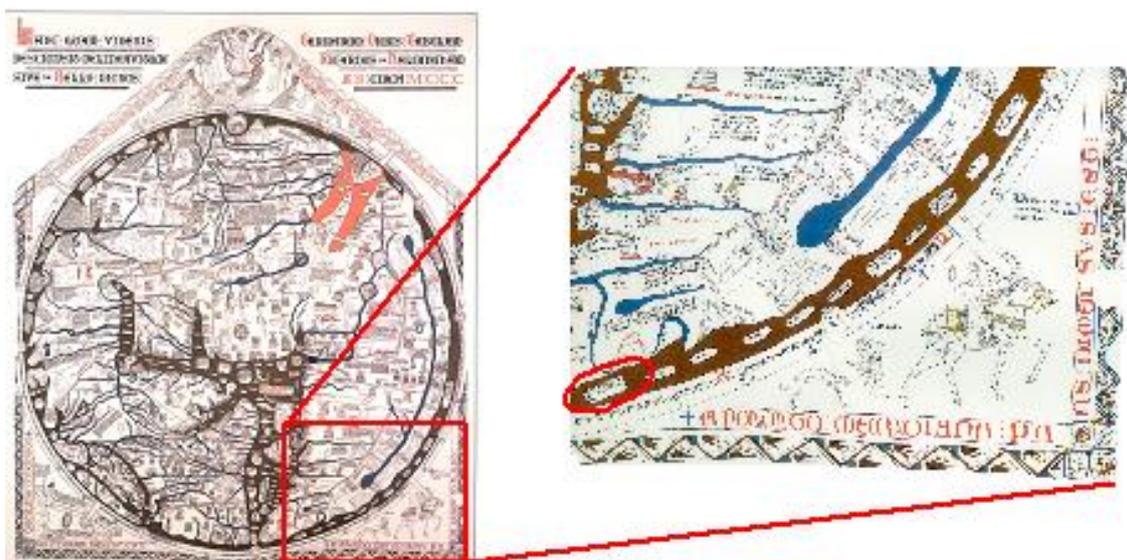



Figura 4 – Mapa de Hereford - 1290

Gustavo Barroso faz referência sobre a existência de uma missiva enviada por Pedro Álvares Cabral ao Rei de Portugal, D. Manuel, o Venturoso, encontrada entre os pertences de Lord Stuart. O descobridor se refere à nova descoberta, como a "*Terra Nova onde chantara a Cruz como aquela "qûe os antigos chamavam S. Brandam ou Brasil*".

Desta forma, verifica-se que existia uma curiosa aproximação entre o significado da palavra Brasil com a idéia de uma Terra da Promissão ou de Terra da Felicidade e que hoje é sugerida como umas das teorias sobre a origem do nome e a terra descoberta.

III - A ILHA BRASIL – O BRASIL NA CARTOGRAFIA DOS 300

As referências ao nome Brasil em documentos escritos, são muito mais antigas do que a época de sua consolidação como nome do país. Como um topônimo ou nome geográfico, representado em mapas, surge em épocas também bastante anteriores ao descobrimento das terras portuguesas na América.

Diversos estudos e uma extensa bibliografia citam a existência de referências cartográficas, associadas principalmente a uma ilha, com nomes grafados segundo uma diversidade de formas, encontrando-se *Brazil, Berzil, Bracie, Brasil, Bracir, Brasill, Brezill*, e outras relacionadas às ilhas místicas do Mar Tenebroso. Desde o século XIV, assinaladas por cartógrafos tão famosos na época, quanto foram Abraham Ortelius e Gehard Mercator, de uma forma impressionante essas representações atravessam o tempo e perduram praticamente até o fim do século XVI e início do século XVII. Reminiscência dessas representações, ou não, hoje em dia, pode ser encontrada a sudoeste da Irlanda, onde alguns rochedos, de pequena extensão, são conhecidos como Brazil (CORTESÃO, 1954; CORTESÃO, 1969 a).

A primeira representação que se tem notícia da ilha de Brasil é encontrada no mapa do cartógrafo genovês Angellinus Dalorto, datado de 1325, pertencente à Coleção Príncipe Corsini, da Biblioteca de Florença, Itália. A aparência de sua representação é aproximadamente circular, com uma área considerável, em relação às demais áreas conhecidas representadas. Situa-se no oceano Atlântico ao sudoeste da atual Irlanda (MARQUES, 1987). De forma idêntica é representada no mapa de Angelino Dulcert, que provavelmente é o mesmo Dalorto, devido às características do mapa, datado de 1339, pertencente à Biblioteca Nacional da França, Paris, bem como no mapa de Laurenziano-Gaddiano de 1351(MARQUES, 1987, pp 48-49).

O mapamundi catalão de 1350, anônimo, a semelhança dos exemplos citados anteriormente, posiciona a ilha de Brezill próximo a costa da Irlanda. Já o Atlas Médici, de 1351, representa a ilha Brasil nas proximidades da costa da Península Ibérica, sob o nome de *Insula de Brazi*. Da mesma forma, o planisfério de Soleris, de 1385, mantém a ilha na mesma posição e com o nome idêntico. A Figura 05 mostra um trecho do mapa de Dallorto, com destaque da ilha Brasil.

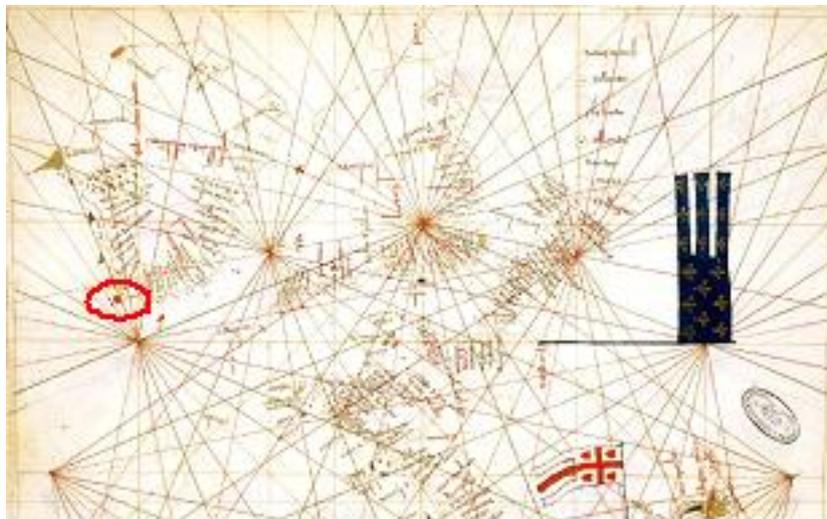
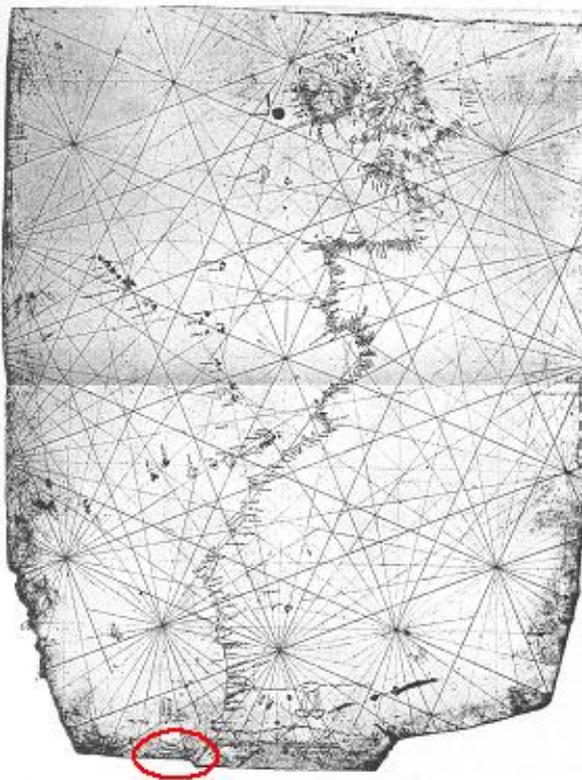



Figura 05 – Mapa de Angellino Dalorto e a Ilha Brasil

A cartografia dos anos subsequentes possui um aspecto no mínimo curioso, apresentando a ilha Brasil em posições diferentes, muitas vezes até, simultaneamente, o que certamente causa uma grande confusão, em termos de se associá-la a uma provável posição real. Por exemplo, o mapa de Pizigano, de 1367, existente na Biblioteca de Parma, registra três ilhas Brasil, sob o topônimo *Insula de Bracir*, (Figura 06), uma a nordeste dos Açores, uma a oeste e outra ao sul da Irlanda. Esta última, segundo leitura do cartógrafo francês Phillippe Buache, é identificada pela designação de *Ysola de Mayotlas Seu de Bracir*. Por mais estranho que pareça, o termo "Mayotlas", provém de um dialeto maia, falado no México pré-colombiano e que designa a América ou, no caso, a ilha mistica do Brasil (BARROSO, 1941, p 100; MARQUES, 1987, pp 49-50). Em outros mapas, a expressão *Ysola de Mayotlas Seu de Bracir* sofre uma alteração, para *Ysola de Montonis Sieue de Bracir*. (BARROSO, 1941, pp 100-102).

Figura 06 – Trecho do Mapa de Pizagano de 1367, mostrando a ilha de *Braçir* a NO dos Açores. Atlas do Visconde de Santarém.

Os mapas anônimos catalães de 1375 e 1384, existentes na Biblioteca Nacional de França, Paris, respectivamente apresentam a ilha Brasil com uma forma geométrica diferenciada das demais, convertendo-a de uma forma circular, para uma forma anelar, onde no centro estão representadas uma lagoa e nove ilhas.

Andrea Bianco, navegador e cartógrafo italiano, considerado como pertencente à Escola de Sagres, devido a inclusão do mar de Sargaços em seu mapa de 1436, registrou a Y. de Brazil ao sul do arquipélago de Cabo Verde. Em outro mapa, datado de 1439, também elaborado por Bianco, é indicada, na extremidade oriental do oceano Atlântico, a Ilha do Brazil, próxima a outra, denominada Ilha da Antilia, e, ainda, a uma terceira ilha, com o nome de La Isla de La Mano Satanaxio, uma das ilhas misticas. No entanto, a posição destas ilhas, neste mapa, é identificada como o arquipélago dos Açores. Importante, segundo Cortesão (1954), é a identificação do Mar de Sargaços (*questo xe mar de baga*), por mostrar quão longe já estavam os portugueses navegando (CORTESÃO, 1954, pp 6-8; MARQUES, 1987, 1994, pp 94-97). As figuras 7 e 8 mostram a carta de Andrea Bianco de 1448.

Figuras 07 e 08 – Carta de Andrea Bianco de 1448 – Original e realce.

A carta de Andrea Bianco desenhada em Londres em 1448, possivelmente após passagem por Lisboa, para obter informações, mostra pela primeira vez os descobrimentos portugueses para alem do cabo Bojador e ilhas Canárias. Também apresenta interesse devido às referências sobre possíveis conhecimentos portugueses relacionados ao ocidente. Nela, encontra-se uma nota, junto a terras a sudoeste do Cabo Verde, que diz: *ixola otinticha xe longa a ponente 1500 mia*, ou seja, uma ilha autêntica que fica a 1.500 milhas para oeste. O que é curioso é a preocupação de Bianco, é maior em afirmar que a ilha é autêntica, logo real e existente, do que nominá-la, talvez para distingui-la de algumas das ilhas misticas. Essa inscrição vem sendo objeto de estudos e discussões, pois pode ser uma representação incipiente do Brasil (CORTESÃO, 1954, pp 10-11; ADONIAS, 1970, p 89; MARQUES, 1987, pp 94-95). Trata-se, portanto, de mais uma possibilidade de um conhecimento anterior das terras descobertas em 1500, que apesar de já ter sido discutido por alguns historiadores, não se tem uma conclusão sobre o assunto. A Figura 09 mostra o detalhe da posição da *Ixola*.

Figura 09 – Posição da ilha de Andrea Bianco.

O mapa elaborado em Veneza por Fra Mauro, frade cartógrafo italiano, a serviço de D. Afonso V, Rei de Portugal, entre 1457 e 1459, a pedido do Infante D. Henrique, para a Escola de Sagres,com a colaboração de Andrea Bianco, (ADONIAS, 1970; FALCHETTA, 2006), volta a representar a *ilha Brasil* próxima a costa sudoeste da Irlanda, apresentando uma nota explicativa, onde se pode ler: "*Queste isole de Hibernia son dite fortunate*". Na tradução: a ilha Brasil era uma das famosas ilhas afortunadas, que durante séculos, estiveram presentes na imaginação dos navegadores (FALCHETA, 2006, pp 579-580).

A carta de Gracioso Benincasa, pertencente à Biblioteca da Universidade de Bolonha, foi elaborada na cidade de Ancona, em 1482. Pertencente ao Atlas Kretschmer, é praticamente idêntica ao mapa elaborado por Pietro Pareto, em 1455, deste diferindo por representar a ilha de *Saluaga* ou *Salvagio*, também uma das ilhas Misticas de menor importância (BARROSO, 1941; MARQUES, 1987). A ilha de *Braçill* é representada como a terceira ilha, após a *Insulae Fortunati de Sancti Brandani*. A aparência desses mapas é traduzida como uma tentativa de apresentar de uma forma coerente e organizada, os arquipélagos das ilhas Canárias, Açores e Madeira. Em mapas anteriores, como o do mesmo Benincasa, de 1471, todas as ilhas têm exatamente a mesma representação, como pode ser observado nos fac-símiles pertencentes ao Atlas do Visconde de Santarém. Ainda em 1508. Gracioso Benincasa apresenta outro mapa, no qual reaparece o nome Montonis, ao longo da costa irlandesa, em grande destaque. As reproduções deste mapa referem-se a *La mítica isla Brasil* (SANTARÉM, 1841). A Figura 10 mostra um trecho da carta de 1471 de Gracioso Benincasa, com as ilhas de *Braçil* e *Fortunati Sancti Brandam*.

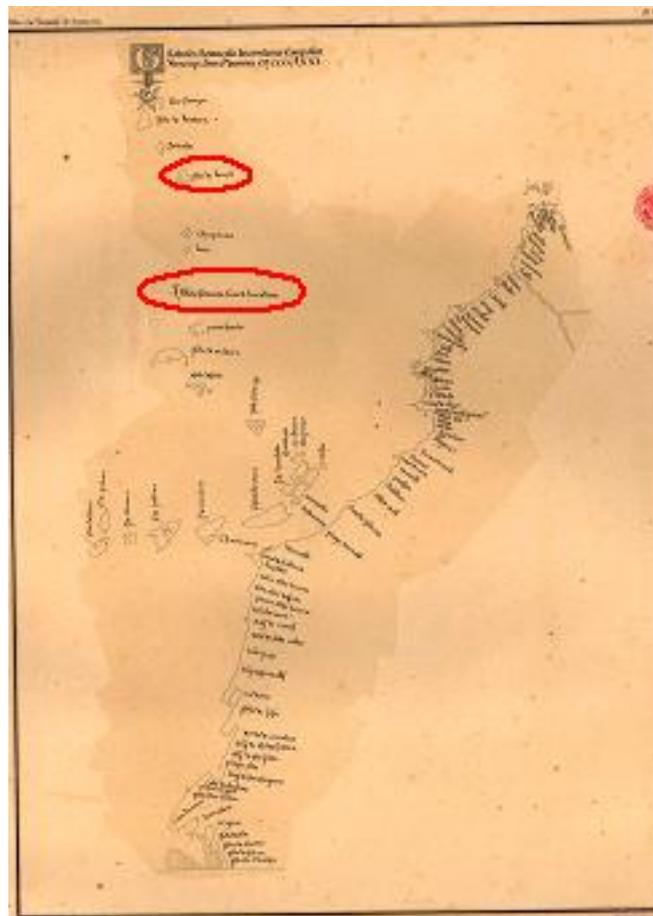



Figura 10 – Trecho da carta de Gracioso Benincasa – 1471 – Atlas do Visconde de Santarém - 1841

O globo de Andre de Behain, de 1492, efetivamente feito antes do descobrimento da América, representa claramente a Insula de Prazil junto à costa Irlandesa. Este globo foi construído em terras germânicas, enquanto ainda Cristovão Colombo efetuava a sua viagem ao Novo Mundo.

IV - O NOME BRASIL - ORIGENS

As propriedades e a utilização do pau brasil na produção de uma tintura vermelha, empregada para tingir tecidos, já era muito conhecida e difundida algumas centenas de anos antes dos grandes descobrimentos realizados por Portugal, a partir do século XV. Uma das riquezas da segunda dinastia Song,(960 à 1279 DC), na antiga China, era o sappan ou sapang, nome malaio do pau brasil, que era então retirado da ilha de Java, na Indonésia atual, segundo, Gabriel Ferrand (1922).

Referências ao comércio do pau-brasil podem ser encontradas também em uma série de documentos, principalmente em antigas pautas alfandegárias e forais governamentais, remontando aos séculos XII, XIII e XIV. De 1151, encontra-se um documento escrito em latim bárbaro, uma ordem de pagamento do arcebispo de Gênova a Filippe de Lamberto Guezzi, mencionando que uma quarta parte do pagamento seria realizado in brasilem. De 1194 é conhecido um documento, também escrito em latim bárbaro, versando sobre um tratado de paz celebrado entre os governos de Ferrara e Bolonha, referindo-se ao pagamento por carga muar, “de todos os panos de algodão, pedra hume, de grã e de brasile”. Além desses, outro documento, datado de 1198, denomina a tinta vermelha de braxilis. Esses termos, brasilem, brasile e braxilis, são então formas de referências, bastante antigas, atribuídas ao pau brasil (CÂNDIDO, 1922).

Muratori (1739), em seu tratado sobre antiguidades da Idade Média, acrescenta para a mesma época abordada, o século XII, as variantes bressil, brassily e bressili. Em pautas aduaneiras de Modena, estas já datadas de 1316, podem ser observadas outras variações, em termos de brezil, brecillis, brazilis e brazili, todas relacionadas ao pau brasil ou ao seu produto derivado. Com o nome de brasil, desde o século XV, a árvore é conhecida em Portugal, uma vez que, em 1470, consta da relação de drogas e especiarias exposta em uma carta régia de D. Afonso V. Já na América portuguesa, a partir de 1504, o pau brasil foi muito explorado. Incursões em busca desse produto, tais como a do francês Goneville, pelas costas de Cabo Frio, praias e ilhas da atual baía de Guanabara, em lugares onde os lusos não tinham ainda se estabelecidos, eram comuns e frequentes. Como esse corsário, outros normandos e bretões, partindo de portos da França aqui aportavam, com o objetivo principal de extrair e comercializar o pau brasil na Europa.

Observa-se que *pau brasil* é o nome genérico dado à várias espécimes de árvores do gênero *Caesalpinia*, presentes na região de Mata Atlântica brasileira, mais especificadamente, a *Caesalpinia echinata Lam*. Motivadora do fitotopônimo, que deu o nome geográfico ao país, essa planta era abundante na época da chegada dos portugueses. Hoje, quase extinta, só é encontrada em jardins botânicos, em parques nacionais ou de forma bastante pontual no território brasileiro, apesar de ainda haver um pequeno comércio ligado à exploração de sua madeira.

Embora se saiba que a origem do nome pau brasil é portuguesa e que se trata de uma riqueza explorada milenarmente, a etimologia do nome BRASIL preocupa pesquisadores desde o século XVII. São diversas as hipóteses sobre a formação desse nome e algumas das quais bastantes controversas, porém como não são o objetivo principal deste capítulo, serão apresentadas apenas para dar apoio a algumas das análises da cartografia histórica, realizadas em informações anteriores aos Quinhentos, em razão da representação do nome Brasil.

A existência de um grande conjunto de hipóteses e discussões sobre a origem etimológica do nome Brasil, faz desta pesquisa lingüística histórico-cartográfica, ser apaixonante e profunda. Algumas destas

hipóteses serão examinadas, procurando apresentar o conjunto mais representativo (CINTRA, 1921; CÂNDIDO, 1922, BARROSO, 1941).

Uma das hipóteses, e talvez a mais aceita, caracteriza a origem do nome geográfico Brasil, ao fitotopônimo pau brasil, com uma predominância na sua etimologia, do substantivo brasa, de origem germânica, por que é vermelha, cor de brasa, a madeira que fornece a tintura. Não obstante, Du Cange, filólogo e historiador francês, em 1678, propõe que o nome é oriundo do português brasa (CINTRA, 1921).

Outras hipóteses associam o termo brasil a palavras indígenas, do tupi, tais como: ibira-ciri, significando pau eriçado, atribuído ao filólogo paulista Bernardino Ferraz de Campos em 1896; paraci, com o significado de mãe do mar ou mãe d'água, segundo Barbosa Rodrigues, antigo Diretor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, em 1867; e *mbira-piranga, imbira-piranga* e *embita-pitanga*, denotando pau vermelho, proposta formulada por Basílio de Magalhães, professor e jornalista mineiro em 1940. Este autor também apresenta outra teoria, pela qual os termos em sânscrito *bradshita/bradsita*, adjetivos, significando luzente, ou pelo verbo *Bhras*, significando luzir, poderiam ser considerados como origem do nome brasil. (CINTRA, 1921; CÂNDIDO, 1922, BARROSO, 1941).

A hipótese defendida por Francisco Adolfo de Varnhagen, apresenta o nome em questão como oriundo do termo toscano *verzino*, derivado do veneziano versa, com o significado de lasca, nome dado aos pequenos pedaços de pau brasil por genoveses na Idade Média. Deriva-se daí: *carga di verzi*, *carga di verzino*, *carga di verzi de brasili*, *carga di verzini de brasili*, a partir de onde se teria derivado o termo *brasile*. A de Antônio de Souza Coimbra, assinala a origem no termo aríaco *parasil*, significado terra grande, considerando a existência do radical para, presente em um bom número de palavras portuguesas (Paraná, Paraguai), que teria gerado *parasili* , contraído para Brasil (CINTRA, 1921).

O termo árabe *wárs*, traduzido por cúrcuma, um tipo de planta corante, é hipótese de Meyer-Lübke, ao início do século XX, como predecessor e origem do toscano *verzino*, já apresentado anteriormente.

O verbo grego *brázein*, traduzido por ferver, é a proposta de Francisco Magalhães Castro, professor de História e Língua Portuguesa (CÂNDIDO, 1922). Para o autor, surge daí a grafia Brazil. Por sua vez, Zeferino Cândido(1922) apresenta uma variante dessa hipótese, considerando a palavra genovesa *brazi*, também com o significado de pau brasil.

As palavras irlandêsas *Hy-Brassail, Hy Barzail, Ho Brasile*, nominando uma ilha do oceano Atlântico, cartograficamente presente em inúmeros mapas antigos, é a tese de O'Connor Daunt, de 1848 (CINTRA, 1921).

No entanto, Brasil como nome da madeira – Ceasalpínia Sappan, no oriente, ou Caesalpínia echinata lam, no ocidente, nada teria a ver com o nome da ilha Brasil, cujo nome tem raízes célticas sendo formado em sua etimologia por dois componentes gaélicos breas e ail, que por sua vez teriam o significado de "nobre" ou "bem-aventurado". Sua origem estaria associada à Bressal, filho do primeiro rei cristão de Thormond, o qual por volta dos anos 480-500 teria andado em missão nas ilhas de Aran, recebendo depois o nome de São Brecan (MICELI, 2002, p.). O nome da ilha ainda poderia ser determinado pela palavra celta *breasail*, traduzida por príncipe, e conotada pela roupa vermelha, vestimenta corrente dos fidalgos da época, segundo Monsenhor Fergo, eminente religioso, professor e estudioso, ao final do século XIX (BARROSO, 1941).

Francisco de Assis Cintra, historiador, em 1921 sugeriu que a origem estava na palavra germânica bras (a), traduzida por carvão ardente e aderente ao Brasil com s. O provençal Brezill, traduzido por coisa fragmentada, com base em Friedrich Diez, é a hipótese devida a Cândido Lago, em 1929. Já para João Ribeiro e Antenor Nascentes, a origem está na palavra francesa brésil, a qual também possui significado do próprio pau-brasil (CINTRA, 1921; BARROSO, 1941).

Através desta diversidade de possíveis origens, pode-se verificar que a grande maioria delas gira em torno da associação direta com a madeira pau brasil, que no início do período pré-colonial brasileiro (1500 a 1530), teve uma intensa exploração, nas terras recém-chegadas pelos europeus. Logo a associação do nome da madeira ao nome da Colônia de Portugal é irrefutável.

V - CONCLUSÃO

Este trabalho na realidade tem por objetivo fazer um resgate histórico da Cartografia Pré Portuguesa, e suas referências em relação a presença do nome Brasil e seus derivados, em suas representações.

Apesar de amplamente estudado por algumas gerações de cartógrafos e geógrafos, hoje em dia está praticamente esquecida, porém em franco crescimento pela geração atual. Então se coloca como um incentivo para que sejam renovadas as pesquisas neste tema.

A aparência de ser um tema esgotado não é verdade. Existem ainda milhares de documentos que podem ser analisados e que podem ainda clarificar muito da história pré descobrimento e a cartografia pré portuguesa. Respostas às questões da influência catalã e italiana e praticamente o aparecimento da cartografia dita portuguesa após os grandes descobrimentos.

Fica então o desafio para jovens pesquisadores, para que se dediquem à temática, tendo em vista que grandes surpresas podem ainda acontecer.

VI - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, J.C. Capítulos de História Colonial. Rio de Janeiro, M. Orosco &C. 1907.

ADONIAS, I., 3ª Aula: A Cartografia Vetustíssima do Brasil até 1530, in Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Vol 287, pp 77-132, Rio de Janeiro, Departamento de Imprensa Nacional, 1970.

ADONIAS, I., MAPA: Imagens da Formação Territorial Brasileira, Salvador, BA, Fundação Emilio Odebrecht, 1993.

BABCOCK, W. H., Legendary islands of the Atlantic; a study in medieval geography, New York, American Geographical Society, 1922.

BABCOCK, W.H.The Island of the Seven Cities. Geographical Review, Vol. 7, No. 2 (Feb., 1919), pp. 98-106. American Geographical Society. Disponível em http://www.jstor.org/stable/207775. Acesso em 25/03/2010 11:14.

BARROSO, G. O Brasil na Lenda e na Cartografia Antiga. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1941.

BENEDICT, R. D., The Hereford Map and the Legend of St. Brandan, Journal of the American Geographical Society of New York, Vol. 24 (1892), pp. 321-365, New York, American Geographical Society, 1892

BROWN, L. A. The Story of Maps. Little, Boston, Brown and Company, 1949.

CÂNDIDO, Z. Brazil. Instituto Histórico, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional. 404 p. 1922.

CANTARINO, G. Uma Ilha Chamada Brasil. Rio de Janeiro, Editora Muad, 2004.

CINTRA,F.A. Nossa Primeira História. Edição da “Revista do Brasil”, São Paulo, Monteiro Lobato & C. 1922.

CINTRA,F.A. O Nome BRASIL (com S ou com Z?). Edição da “Revista do Brasil”, São Paulo, Monteiro Lobato & C. 1921.

CORTESÃO, A. The Nautical Chart of 1424, and the early discovery and cartographical representation of America; a study on the history of early navigation and cartography. With a foreword by Maximino Correia. Coimbra, University of Coimbra, 1954.

CORTESÃO, A. History of Portuguese Cartography, Vol I, Agrupamento de Estudos de Cartografia Antiga, Coimbra, Junta de Investigações do Ultramar, 1969 a.

CORTESÃO, A. History of Portuguese Cartography, Vol II, Agrupamento de Estudos de Cartografia Antiga, Coimbra, Junta de Investigações do Ultramar, 1969b

CORTESÃO, A. Esparsos II Curso de História da Cartografia-1964. Coimbra, Acta Universitatis Conimbrigensis. 1975.

CORTESÃO, A.; MOTA A. T., Portugaliae Monumenta Cartographica, Lisboa, Imprensa Nacional –Casa da Moeda, 1968.

CORTESÃO, J. Curso de História da Cartografia e Geografia das Fronteiras do Brasil. Notas de Aula não publicadas. Rio de Janeiro, Instituto Rio Branco, 1944.

CORTESÃO, J. História da Cartografia do Brasil (Séculos XVI a XVIII). Notas de Aula não publicadas. Rio de Janeiro, Curso de Mapoteconomia, Instituto Rio Branco, 1944.

CORTESÃO, J. Curso de História da Cartografia Política do Brasil. Notas de Aula não publicadas. Rio de Janeiro, Instituto Rio Branco, 1945.

CORTESÃO, J. Obras Completas 11 - História do Brasil nos Velhos Mapas, Tomo I, Lisboa, Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 2009a.

CORTESÃO, J. Obras Completas 11 - História do Brasil nos Velhos Mapas, Tomo II, Lisboa, Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 2009b.

CORTESÃO, J. Obras Completas 7 – A Carta de Pero Vaz de Caminha, Lisboa, Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 2000.

CRONAU, R., (1855-1939) Amerika. Die Geschichte seiner Entdectung von der Altesten bis aus die Neueste Zeit. 2 vols. Quarto. Leipzig, Ubel & Muller, 1892

DU CANGE, D. Glossarium mediæ et infimæ latinitatis. (1678) Niort : L. Favre, 1883-1887.

FALCHETTA, P. Fra Mauro´s World Map. Biblioteca Nazionale Marciana; Università IUAV di Venezia. Veneza, Brepols, 2006.

FERRAND, G. L'empire sumatranais de Crivijaya. Paris, Imprimerie nationale, 190 p. 1922.

JOHNSON, D., Phanton Islands of the Atlantic, New York, Avon Books, 1998.

LIMA, T. M., Coordenador, Roteiro da Costa do Brasil – Roteiro de Todos os Sinais, Conhecimentos, fundos, baixios, alturas, e derrotas que há na Costa do Brasil desde o Cabo de Santo Agostinho até o Estreito de Fernão de Magalhães, Lisboa, Ed Facsimilada do manuscrito da Biblioteca da Ajuda – Luis de Teixeira, Tagol, 1988.

MARCONDES DE SOUZA, T. O., A Supposed Discovery of Brazil before 1448, The Hispanic American Historical Review, Vol. 26, No. 4 (Nov., 1946), pp. 593-598, Duke University Press, 1946.

MARQUES, A. P. Origem e Desenvolvimento da Cartografia Portuguesa na época dos Descobrimentos, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1987.

MARQUES, A. P. A Cartografia dos Descobrimentos, Lisboa, Edições Elo Instituto Camões, 1994.

MENEZES, P.M.L. Apostila Cartografia Básica. Não publicadas. Curso de Graduação em Geografia. Rio de Janeiro, IGEO/UFRJ. 1996.

MENEZES, P.M.L. e SANTOS C.J.B. Geonímia: aspectos relevantes. Rio de Janeiro, Revista da SBC -Sociedade Brasileira de Cartografia, nº 58/03. 2007

MICELI, P. C. O Tesouro dos Mapas: A cartografia na formação do Brasil. São Paulo, Instituto Cultural Banco Santos, p. 339. 2002.

MURATORI, L. A. Antiguidades Itálicas da Edade Média, tomo 2, páginas 894 e 895, Módena, 1739.

SANTAREM, Visconde de, Atlas composé de cartes des XIVe, XV, XVI et XVII siécles [Material cartográfico] : pour la plupart inédites, et devant seuvir de preuves a l'ouvrage sur la priorité de la découverte de la Côte Occidentale d'Afrique au dela du Capo Bojador par les portugais / recueillies et gravées sous la direction du Vicomte de Santarém. - Paris : [s.n.], 1841.

SCHNETZ, J., Ravennatis Anonymi Cosmographia. Edição crítica; Lipsia, Ed Joseph Schnetz, 1940.

WHITFIELD, P. The Charting of the Oceans: Ten Centuries of Maritime Maps. Rohnert Park, Pomegranate Artbooks, 1996.